

Volume 2 • Módulo 4 • Língua Portuguesa e Literatura • Unidade 8

Modernismo e contemporaneidade nos textos em prosa

Ivone da Silva Rebello, Jane Cleide dos Santos de Sousa

Introdução

Olá, professor(a)!

Revisitando a estética moderna e abrindo portas à estética contemporânea, a literatura revela grande diversidade, na qual uma mescla de gêneros e uma narrativa mais direta apontam como uma tendência. A nova forma de ver e de escrever sobre o Brasil, construída e consolidada pelos modernistas, autorizou a total liberdade criativa e o experimentalismo radical da arte contemporânea.

Dessa maneira, é importante mostrar aos alunos que a beleza de uma obra também pode estar em sua objetividade, em sua irreverência, em sua ousadia. Pela exploração de diferentes gêneros literários, deve-se apontar que os artistas contemporâneos tomam a arte como instrumento para, dentre outros aspectos, expressar o pluralismo da vida: suas questões, suas misérias morais, sua desorientação, seus anseios e seus conflitos.

Por isso, nesta unidade, revisitaremos mais uma vez, inicialmente, *as três fases do Modernismo* e, em seguida, *a literatura contemporânea* – focalizando agora, no entanto, os textos em prosa. Analisando exemplares dos gêneros *manifesto*, *conto*, *romance* e *peça de teatro*, destacaremos ainda algumas características temáticas e formais dessas estéticas. Tal estudo será, por vezes, aprofundado por meio de diálogos intertextuais, concretizados na comparação de textos literários e obras plásticas, como *pinturas* e *desenho*, que apresentam um mesmo tema.

Além disso, em se tratando dos textos narrativos, desejamos desenvolver no aluno a habilidade de identificar o uso do *discurso indireto livre*. Isso porque esse recurso estilístico exige do leitor maior atenção e sensibilidade: ele deve reconhecer, nessa aproximação narrador-personagem, os efeitos estéticos gerados a partir dessa súbita incorporação de uma outra voz à do narrador.

Por tudo isso, esperamos que esta última unidade de Língua Portuguesa possa, mais uma vez, ampliar suas aulas – em especial, nesta conclusão do estudo historiográfico da literatura brasileira. No entanto, compreendendo a língua e a literatura como constructos sociais dinâmicos, desejamos que este material, assim como aqueles referentes às unidades anteriores, seja um convite à pesquisa e a novas possibilidades de ensino.

Obrigado pela parceria!

Apresentação da unidade do material do aluno

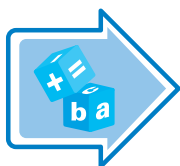
Disciplina	Módulo	Unidade	Estimativa de aulas para essa unidade
Língua Portuguesa	4	8	8 aulas de 50 minutos

Titulo da unidade	Tema
Modernismo e contemporaneidade nos textos em prosa	Prosa do Modernismo Brasileiro: Principais características e temas da 1ª, 2ª e 3ª fase; A estrutura do romance modernista. Prosa da Literatura contemporânea: o conto. Discurso indireto livre.
Objetivos da unidade	
Reconhecer a estrutura do romance modernista.	
Distinguir as principais características do romance nas diferentes fases do Modernismo e na Literatura Contemporânea.	
Reconhecer as diferentes manifestações em prosa na Literatura Contemporânea, bem como a presença da prosa poética.	
Identificar o discurso indireto livre como um dos recursos de estilo usado no período em estudo.	
Seções	Páginas no material do aluno
Para início de conversa...	223 e 224
Seção 1 – Primeira geração modernista: da Amazônia a São Paulo	226 a 229
Seção 2 – Segunda geração modernista: o romance da geração de 30	229 a 240
Seção 3 – Terceira geração modernista: a linguagem reinventada	240 a 245
Seção 4 – Literatura contemporânea: cada um por si	245 a 249
O que perguntam por aí?	257

Recursos e ideias para o Professor

Tipos de Atividades

Para dar suporte às aulas, seguem os recursos, ferramentas e ideias no Material do Professor, correspondentes à Unidade acima:



Atividades em grupo ou individuais

São atividades que são feitas com recursos simples disponíveis.



Ferramentas

Atividades que precisam de ferramentas disponíveis para os alunos.



Avaliação

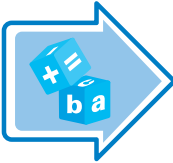
Questões ou propostas de avaliação conforme orientação.



Exercícios

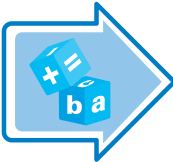
Proposições de exercícios complementares

Atividade Inicial

Tipos de Atividades	Título da Atividade	Material Necessário	Descrição Sucinta	Divisão da Turma	Tempo Estimado
	A semana de arte moderna: um evento <i>mega</i> importante	Cópias da atividade.	A partir da análise de um fragmento “Manifesto Antropófago”, de Oswald de Andrade, identificar a proposta modernista de ruptura com as estéticas anteriores e com a cultura importada.	Atividade individual.	50 minutos

Seção 1 – Primeira geração modernista: da Amazônia a São Paulo

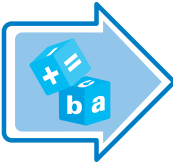
Páginas no material do aluno
226 a 229

Tipos de Atividades	Título da Atividade	Material Necessário	Descrição Sucinta	Divisão da Turma	Tempo Estimado
	A estética da primeira fase	Cópias da atividade	Análise de um fragmento de <i>Memórias sentimentais de João Miramar</i> , de Oswald de Andrade, a fim de identificar características centrais da 1ª fase do Modernismo.	Atividade individual.	80 minutos

Seção 2 – Segunda geração modernista: o romance da geração de 30

Páginas no material do aluno

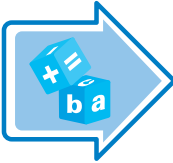
229 a 240

Tipos de Atividades	Título da Atividade	Material Necessário	Descrição Sucinta	Divisão da Turma	Tempo Estimado
	A seca como marca de denúncia social	Cópias da atividade.	Análise de um fragmento do romance <i>A bagaceira</i> , de José Américo de Almeida (1887-1980), a fim de reconhecer a crítica social como um dos principais objetivos da segunda geração modernista.	Atividade realizada com toda a turma ou em grupos de aproximadamente 04 alunos.	80 minutos

Seção 3 – Terceira geração modernista: a linguagem reinventada

Páginas no material do aluno

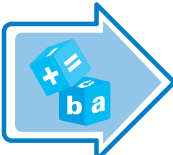
240 a 245

Tipos de Atividades	Título da Atividade	Material Necessário	Descrição Sucinta	Divisão da Turma	Tempo Estimado
	O teatro popular de Ariano Suassuna	Cópias da atividade.	Análise de um fragmento do texto dramático <i>Auto da Compadecida</i> , de Ariano Suassuna, a fim de observar traços da 3ª geração modernista.	Atividade realizada com toda a turma ou em grupos de aproximadamente 04 alunos.	50 minutos

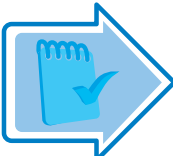
Seção 4 – Literatura Contemporânea: cada um por si

Páginas no material do aluno

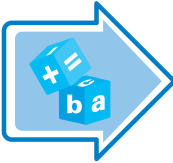
245 a 249

Tipos de Atividades	Título da Atividade	Material Necessário	Descrição Sucinta	Divisão da Turma	Tempo Estimado
	A estética contemporânea de Dalton Trevisan	Cópias da atividade.	Análise do conto “Dois velhinhos”, de Dalton Trevisan, visando a observar características da prosa contemporânea brasileira.	Atividade individual.	30 minutos
	Lendo um conto contemporâneo	Cópias da atividade.	Análise do conto “O ciclista”, de Dalton Trevisan, a fim de reconhecer características do estilo do autor e, metonimicamente, da prosa contemporânea.	Atividade individual.	50 minutos

Atividade de Avaliação

Tipos de Atividades	Título da Atividade	Material Necessário	Descrição Sucinta	Divisão da Turma	Tempo Estimado
	Prosa no ENEM: do regionalismo em diante	Cópias da atividade.	Aplicação de questões do Enem e de vestibular que tratam da prosa modernista e contemporânea.	Atividade individual.	30 minutos

Atividade Inicial

Tipos de Atividades	Título da Atividade	Material Necessário	Descrição Sucinta	Divisão da Turma	Tempo Estimado
	A semana de arte moderna: um evento <i>mega</i> importante	Cópias da atividade.	A partir da análise de um fragmento “Manifesto Antropófago”, de Oswald de Andrade, identificar a proposta modernista de ruptura com as estéticas anteriores e com a cultura importada.	Atividade individual.	50 minutos

Aspectos operacionais

Apresente o texto e as questões de análise. Aplique-as e corrija-as junto aos alunos.

Aspectos pedagógicos

Distribua o texto. Leia-o com os alunos. Esclareça dúvidas de vocabulário. Inicie discussão recapitulando aspectos contextuais e reforce o ideário de liberdade formal, rompimento com conservadorismos estéticos e a reconstrução de uma identidade nacional. Motive o aluno a perceber a Semana de Arte Moderna como um evento importante que mudou a forma de pensar e fazer arte no país. A partir deste evento, o país se incluiu na Modernidade ao reavaliar a arte e a própria noção de brasilidade.

Atividade

O movimento iniciado pela Semana de Arte Moderna provocou mudanças radicais no entendimento do *quê*, do *como* e do *porquê* da arte na era moderna. O *Manifesto Antropófago* (1928), de Oswald de Andrade, foi um de vários que expressava o desejo de valorização da cultura nacional e do rompimento com uma estética conservadora. Leia o fragmento e responda às questões que se seguem.

Manifesto Antropófago

Só a Antropofagia nos une. Socialmente. Economicamente. Filosoficamente. (...)

Tupi, or not tupi that is the question.

Contra todas as catequeses. E contra a mãe dos Gracos.

Só me interessa o que não é meu. Lei do homem. Lei do antropófago. (...)

A existência papável da vida. E a mentalidade pré-lógica para o Sr. Lévy- Bruhl estudar.

Queremos a revolução Caraíba. Maior que a revolução Francesa. A unificação de todas as revoltas eficazes na direção do homem. Sem nós a Europa não teria sequer a sua pobre declaração dos direitos do homem. (...)

Nunca fomos catequizados. Vivemos através de um direito sonâmbulo. Fizemos Cristo nascer na Bahia. Ou em Belém do Pará. (...)

A nossa independência ainda não foi proclamada. Frase típica de D. João VI: – Meu filho, põe essa coroa na tua cabeça, antes que algum aventureiro o faça! Expulsamos a dinastia.

Questão 1

Como você sabe, a antropofagia é o hábito de comer carne humana. No Brasil, era um ritual indígena praticado pela crença de que o antropófago absorveria as qualidades do inimigo. Considerando essas informações, que relação se pode estabelecer entre o antropofagismo e os ideais modernistas presentes no manifesto analisado?

Questão 2

Apesar de ter recebido influências dos movimentos europeus de vanguarda, o Modernismo preocupava-se, sobretudo, com a cultura e a realidade brasileira. Que elementos presentes no texto marcam esse foco na nossa brasilidade?

Questão 3

Uma das principais preocupações dos modernistas era libertar-se dos padrões portugueses de linguagem, inovando na forma de escrever. Sobre este aspecto, que característica marcante podemos observar no fragmento destacado?

Respostas comentadas

Questão 1

Espera-se que o aluno seja capaz de estabelecer a relação de que o manifesto propunha a “devoração” das técnicas importadas, a deglutição do legado cultural europeu para “digeri-lo”, ou seja, reelaborá-lo em uma arte tipicamente brasileira, autônoma. Defendia-se que, semelhantemente ao que acreditavam os índios antropófagos, a deglutição/renovação do que é estrangeiro poderia fortalecer a nossa própria identidade.

Questão 2

O Manifesto propõe a valorização de uma arte brasileira, a exportação de nossa cultura e do nosso fazer artístico em consonância com os ideais modernistas. Visando a essa valorização, evidencia o “Tupi” – designação de uma grande nação indígena que habitava a América do Sul, e também representante de um importante tronco linguístico dessa América. A inclusão desse vocábulo em consagrada frase de Shakespeare, em língua inglesa, remete à valorização do que é nacional e, ao mesmo tempo, reflete a possibilidade de incorporação dos referenciais culturais estrangeiros às nossas questões e até mesmo a exportação do produto cultural nacional. Da mesma forma, a comparação da grandiosidade da Revolução Francesa com a Revolução Caraíba, reforça esse desejo de valorização do que é nacional e da elevação da autoestima brasileira em relação ao que vem de fora.

Questão 3

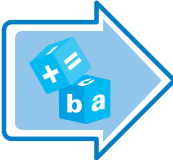
O Manifesto é enfático em expressar a sua contrariedade em relação a todo tipo de catequização, principalmente a portuguesa. Buscando combater a dominação através da imposição de padrões e da rigidez formal, o Manifesto é escrito em prosa-poética, estrutura que aproxima prosa e poesia.

Além disso, destaca-se o emprego de períodos curtos, marcados por pontos, como em “Só a Antropofagia nos une. Socialmente. Economicamente. Filosoficamente.”, além da utilização de uma fala explicitamente combativa “Contra todas as catequeses. E contra a mãe dos Gracos.” e da livre e ágil associação de ideias “Nunca fomos catequizados. Vivemos através de um direito sonâmbulo. Fizemos Cristo nascer na Bahia. Ou em Belém do Pará.”.

Seção 1 – Primeira geração modernista: da Amazônia a São Paulo

Páginas no material do aluno

226 a 229

Tipos de Atividades	Título da Atividade	Material Necessário	Descrição Sucinta	Divisão da Turma	Tempo Estimado
	A estética da primeira fase	Cópias da atividade	Análise de um fragmento de <i>Memórias sentimentais de João Miramar</i> , de Oswald de Andrade, a fim de identificar características centrais da 1ª fase do Modernismo.	Atividade individual.	80 minutos

Aspectos operacionais

Aplique e corrija questões de análise como as que sugerimos.

Aspectos pedagógicos

Leia o texto com os alunos. Esclareça dúvidas de vocabulário e, se necessário, disponibilize o dicionário para pesquisa. Encaminhe-os para a realização das atividades, destacando a proposta modernista de ruptura com estéticas literárias anteriores.

Atividade

Os modernistas da primeira geração acreditavam que era necessário destruir regras tradicionais para instaurar uma nova estética; por isso, a preocupação formal teve grande importância nesse período.

Memórias sentimentais de João Miramar é um romance que apresenta uma técnica de composição revolucionária. Nele, a história do protagonista é contada em 163 episódios numerados.

Análise, então, os três episódios que destacamos abaixo e, em seguida, responda às questões.

Memórias sentimentais de João Miramar

3. Gare do Infinito

Papai doente na cama e vinha um carro e um homem e o carro ficava esperando no jardim.

Levaram-me para uma casa velha que fazia doces e nos mudamos para a sala do quintal onde tinha uma figueira na janela.

No desabar do jantar noturno a voz toda preta de mamãe ia me buscar para a reza do Anjo que carregou meu pai.

62. Comprometimento

O Forde levou-nos para igreja e notário entre matos derrubados e a vasta promessa das primeiras culturas.

Jogaram-nos flores como bênçãos e sinos tilintaram.

A lua substituiu o sol na guarita do mundo mas o dia continuou tendo havido entre nós apenas uma separação precavida de bens.

75. Natal

Minha sogra ficou avó.

Questão 1

Como foi dito, o romance *Memórias sentimentais de João Miramar* é constituído por 163 episódios que narram a história do personagem. Destacamos acima os episódios 3, 62 e 75, respectivamente. Após leitura atenta, assinale a alternativa que melhor traduz a temática dos episódios.

- a. casamento, divórcio, nascimento
- b. morte, casamento, nascimento
- c. nascimento, casamento, divórcio
- d. divórcio, nascimento, morte

Questão 2

Observando a construção do texto, responda a estes itens que focalizam as principais características formais do romance:

- a. O vocabulário é rebuscado ou simples?

- b. As frases são longas ou curtas?
- c. Como é utilizada a pontuação?
- d. O discurso é mais complexo ou simples?
- e. A linguagem é exclusivamente denotativa ou conotativa?

Questão 3

Baseado no ideário de ruptura modernista com a estética formal conservadora, que efeito é alcançado com a forma em episódios curtos apresentada no romance?

Respostas comentadas

Questão 1

Resposta: Letra B. Espera-se que o aluno identifique que cada episódio trata de uma fase da vida do personagem. O episódio 3 trata da morte do pai do personagem: “mamãe ia me buscar para *a reza do Anjo que carregou meu pai*.”; o 62 trata do casamento: “O Forde levou-nos para *igreja*”, “Jogaram-nos *flores como bênçãos e sinos tilintaram*.”; e o episódio 75, do nascimento do filho: “Natal”, “Minha sogra ficou avó”.

Questão 2

Por sua exploração formal, comprova-se que no texto:

- a. O vocabulário é simples, sem o uso de termos rebuscados, como em “Papai doente na cama e vinha um carro”.
- b. As frases são, relativamente, curtas e, em geral, cada uma delas aponta um fato: “O Forde *levou-nos para igreja* e notário entre matos derrubados e a vasta promessa das primeiras culturas. / *Jogaram-nos flores como bênçãos / e sinos tilintaram*.”.
- c. O único sinal de pontuação utilizado é o ponto final. Destaca-se, desse modo, a ausência de vírgulas (ou de ponto-e-vírgula), como em: “Levaram-me para uma casa velha que fazia doces e nos mudamos para a sala do quintal onde tinha uma figueira na janela.”.

Nesse fragmento, segundo as regras de padrão da escrita, dever-se-ia utilizar a vírgula para marcar a oração subordinada adjetiva *explicativa* “onde tinha uma figueira na janela”, visto que, semanticamente, o termo “a sala do quintal” já está determinado. Além disso, dever-se-ia utilizar o ponto-e-vírgula para separar as orações com sujeitos gramaticais diferentes – “Levaram-me” (sujeito indeterminado) e “nos mudamos” (sujeito oculto/desinencial), uma vez que a segunda oração já apresenta(ria) uma vírgula.

- d. O texto é, predominantemente, construído pelo processo sintático de coordenação – o que apontaria um discurso menos complexo. No entanto, a ausência de sinais de pontuação, bem como de conectivos inter-oracionais, pode, em alguns trechos, dificultar a leitura, como em: “Papai doente na cama / e vinha um carro e um homem / e o carro ficava esperando no jardim.”.

- e. Não há exclusividade da denotação ou da conotação. A linguagem denotativa se mescla a trechos essencialmente metafóricos, como “No desabar do jantar noturno a voz toda preta de mamãe ia me buscar para a reza do Anjo que carregou meu pai.”

Nesse trecho, observa-se, inicialmente, a expressão “jantar noturno”, que tanto pode fazer referência ao horário em que o jantar se dava como ao clima subjetivamente soturno e triste que o marcou. Além disso, destaca-se a construção “voz toda preta”, pela evocação dos sentidos da audição e da visão (sinestesia) e, ao mesmo tempo, pela comparação direta entre o luto e a característica atribuída à voz da mãe (o adjetivo “preta”, ali, é uma metáfora ligada ao luto). Por fim, sublinha-se o eufemismo presente na expressão “Anjo que carregou meu pai”, que se refere ao próprio evento da morte.

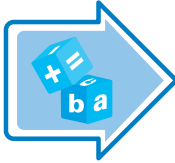
Questão 3

A linguagem utilizada no romance consolida as críticas dos modernistas da primeira geração aos padrões formais de estéticas literárias anteriores. Por isso, os capítulos são substituídos por episódios curtos, verdadeiros flashes, quase que cinematográficos, da vida do personagem; e a linguagem é predominantemente simples e concisa, com vocabulário não rebuscado, frases curtas, orações em sua maioria coordenadas, ausência de certos sinais de pontuação. Dessa forma, o romance modernista busca desconstruir modelos, apresentando uma estrutura que confere velocidade à narrativa.

Seção 2 – Segunda geração modernista: o romance da geração de 30

Páginas no material do aluno

229 a 240

Tipos de Atividades	Título da Atividade	Material Necessário	Descrição Sucinta	Divisão da Turma	Tempo Estimado
	A seca como marca de denúncia social	Cópias da atividade.	Análise de um fragmento do romance <i>A bagaceira</i> , de José Américo de Almeida (1887-1980), a fim de reconhecer a crítica social como um dos principais objetivos da segunda geração modernista.	Atividade realizada com toda a turma ou em grupos de aproximadamente 04 alunos.	80 minutos

Aspectos operacionais

Leia o texto com os alunos; apresente as questões de análise; corrija-as.

Aspectos pedagógicos

Inicialmente, o professor fará um comentário sobre as principais características da segunda geração modernista e do momento histórico que norteou toda a produção literária da época, com foco na emergência da chamada “literatura regionalista”. A seguir, dialogar com os alunos sobre a realidade apresentada em cada imagem. Depois, distribuir para os alunos os textos propostos. Seria bom que as imagens fossem coloridas. Solicitar, então, que os alunos leiam os textos e respondam as questões.

Atividade

Como já estudamos, a 2ª geração modernista brasileira (1930-1945) se desenvolveu em um período de busca de novos caminhos – artísticos, filosóficos, políticos, sociais e existenciais – refletida nas produções literárias.

Para, então, aprofundarmos nossa compreensão desse momento histórico e literário, analisaremos, nesta atividade, uma passagem do primeiro capítulo do romance *A bagaceira*, de José Américo de Almeida (1887-1980).

Esse romance se passa entre 1898 e 1915 – dois períodos de seca no sertão do Piauí. Devido ao sol implacável, Valentim Pereira, sua filha Soledade e seu afilhado Pirunga abandonam a fazenda do Bondó, na zona do sertão, e seguem em direção às regiões dos engenhos. Encontram acolhida no engenho Marzagão, de propriedade de Dagoberto Marçau, cuja mulher falecera por ocasião do nascimento do único filho, Lúcio. Durante suas férias no engenho, Lúcio conhece Soledade, e se apaixona por ela. Com a morte do senhor do engenho, Lúcio herda a propriedade do pai. Em 1915, outro período de seca, Soledade, já envelhecida, vai ao encontro de Lúcio e lhe entrega o filho, fruto do seu amor com Dagoberto.

O trecho abaixo trata dos retirantes que fugiram da seca assoladora no sertão do Piauí e chegaram ao engenho de Dagoberto Marçau. Analise-o, com atenção, e, em seguida, responda às questões propostas.

A bagaceira

Era o êxodo da seca de 1898. Uma ressurreição de cemitérios antigos – esqueletos redivivos, com o aspecto terroso e o fedor das covas podres.

Os fantasmas estropiados como que iam dançando, de tão trôpegos e trêmulos, num passo arrastado de quem leva as pernas, em vez de ser levado por elas.

Andavam devagar, olhando para trás, como quem quer voltar. Não tinham pressa em chegar, porque não sabiam aonde iam. Expulsos de seu paraíso por espadas de fogo, iam, ao acaso, em descaminhos, no arrastão dos maus fados.

Fugiam do sol e o sol guiava-os nesse forçado nomadismo.

Adelgaçados na magreira cômica, cresciam, como se o vento os levantasse. E os braços afinados desciam-lhes aos joelhos, de mãos abanando.

Vinham escoteiros. Menos os hidrôpicos – doentes da alimentação tóxica – com os fardos das barrigas alarmantes.

Não tinha sexo, nem idade, nem condição nenhuma. Eram os retirantes. Nada mais.

Meninotas, com as pregas da súbita velhice, careteavam, torcendo as carinhas decrepitas de ex-voto. Os vaqueiros másculos, como titãs alquebrados, em petição de miséria. Pequenos fazendeiros, no arremesso igualitário, baralhavam-se nesse anônimo aniquilamento.

Mais mortos do que vivos. Vivos, vivíssimos só no olhar. Pupilas do sol da seca. Uns olhos espasmódicos de pânico, como se estivessem assombrados de si próprios. Agônica concentração de vitalidade faiscante.

Fariscavam o cheiro enjoativo do melado que lhes exacerbava os estômagos jejunos. E, em vez de comerem, eram comidos pela própria fome numa autofagia erosiva.

[...]

A cabroeira escarninha metia-os à bulha:

– Vem tirar a barriga da miséria.

Párias da bagaceira, vítimas de uma emperrada organização do trabalho e de uma dependência que os desumanizava, eram os mais insensíveis ao martírio das retiradas.

A colisão dos meios pronunciava-se no contato das migrações periódicas. Os sertanejos eram malvistas nos brejos. E o nome de *brejeiro* cruelmente pejorativo.

[...]

Essa diversidade criava grupos sociais que acarretavam os conflitos de sentimentos.

Estrugia a trova repulsiva:

Eu não vou na sua casa,

Você não venha na minha,

Porque tem a boca grande,

Vem comer minha farinha...

Homens do sertão, obcecados na mentalidade das reações cruentas, não convocavam as derradeiras energias num arranque selvagem. A história das secas era uma história de passividades. Limitavam-se a fitar os olhos terríveis nos seus ofensores. [...]

Dagoberto olhava por olhar, indiferente a essa tragédia viva.

A seca representava a valorização da safra. Os senhores de engenho, de uma avidez vã, refaziam-se da depreciação dos tempos normais à custa da desgraça periódica.

[...]

(ALMEIDA, José Américo de. **A bagaceira**. 13. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2008. p. 98-99.)

Vocabulário	
Adelgaçados	Enfraquecidos.
Agônica	Relativo a agonia; aflição.
Autofagia	Destruição de si mesmo.
Bagaceira	Área em torno dos engenhos de açúcar onde se espalha o bagaço da cana moída, para que seque e seja usado como combustível nas fornalhas.
Bulha	Gritaria.
Cabroeira	Conjunto de cabras (trabalhadores rurais do Nordeste).
Decrépitas	Debilitadas fisicamente.
Escarninha	Zombeteira.
Escoteiro	Aquele que viaja sem bagagem.
Estropiados	Fadigados.
Estrugia	Soava como estrondo.
Êxodo	Migração.
Ex-voto	Objeto deixado em uma igreja para agradecer aos santos por uma graça alcançada.
Fado	Destino.
Fariscar	Farejar.
Hidrópicos	Inchados.
Nomadismo	Forma de vida caracterizada por ir de um lugar a outro sem ficar em nenhum deles permanentemente.
Trôpegos	Que andam com dificuldade.

Questão 1

Neste romance, o autor, ao usar a expressão “a cabroeira”, contrapõe sertanejos a brejeiros. Comprove, com uma passagem do texto, o tipo de relacionamento entre eles.

Questão 2

Esse trecho do romance é essencialmente descritivo. Dessa forma, destaque uma passagem que descreva as condições de vida dos brejeiros.

Questão 3

Explique a afirmação: [os brejeiros] “eram os mais insensíveis ao martírio das retiradas”.

Questão 4

No período em que se deu a segunda fase do Modernismo (1930-1945), o Brasil vive alguns momentos decisivos em sua história, dentre os quais:

- Desgaste da política do café-com-leite (crise política das oligarquias brasileiras).
- Insurreições militares (Tenentismo e Coluna Prestes).
- Quebra da Bolsa de Nova Iorque (1929).
- Revolução de 30.
- Industrialização e diversificação do capital.
- Remodelação da estrutura econômica agroexportadora.
- Modernização dos engenhos de cana-de-açúcar no Nordeste.



Destaque do texto passagens que expressem estes dois fatos históricos: a *remodelação da estrutura econômica agroexportadora* e a *modernização dos engenhos de cana-de-açúcar no Nordeste*.

Questão 5

Analise estas duas imagens.

A 1ª imagem é uma pintura do artista plástico brasileiro Cândido Portinari (1903-1962), que, no início de sua carreira, buscou retratar a realidade brasileira. Nessa tela, saltam aos olhos o sofrimento humano e a tragédia vividos pelo homem sertanejo que sai de sua terra à procura de melhores condições de vida.

A 2ª imagem, por sua vez, é um desenho de Percy Lau (1903-1972), ilustrador e desenhista peruano radicado no Brasil. Nesta obra, destaca-se uma das piores secas ocorridas no nordeste brasileiro, entre 1877 e 1879, em função da qual mais de 65.000 cearenses partiram para a Amazônia e foram servir de mão-de-obra nos seringais.

Imagem 1:	Imagem 2:
<p>Os Retirantes (1944) – pintura de Candido Portinari</p>  <p>Disponível em: http://www.historiadigital.org/questoes/questao-enem-2005-retirantes/</p>	<p>Retirantes da seca de 1877 – desenho de Percy Lau para o livro "Geografia da Fome", de Josué de Castro.</p>  <p>Disponível em: http://bloglادob.com.br/wp-content/uploads/2011/08/Retirantes-da-seca-de-1877.-Desenho-especial-de-Percy-Lau-para-o-livro-Geografia-da-Fome-de-Josu%C3%A9-de-Castro-7a-edi%C3%A7%C3%A3o-1961.jpg</p>

Relacione as duas imagens a trechos do romance *A bagaceira*, destacando como, por meio de diferentes linguagens, as obras denunciam o problema da seca.

Respostas comentadas

Questão 1

De acordo com as passagens do texto, citadas a seguir, notamos que o relacionamento entre os sertanejos e os brejeiros era basicamente hostil, como se vê pelos trechos a seguir:

I. “A colisão dos meios pronunciava-se no contato das migrações periódicas. Os sertanejos eram malvistas nos brejos. E o nome de *brejeiro* cruelmente pejorativo.”

II. “Estrugia a trova repulsiva:

Eu não vou na sua casa,

Você não venha na minha,

Porque tem a boca grande,

Vem comer minha farinha...”

III. “Homens do sertão, obcecados na mentalidade das reações cruentas, não convocavam as derradeiras energias num arranque selvagem. A história das secas era uma história de passividades. Limitavam-se a fitar os olhos terríveis nos seus ofensores.”

Questão 2

De acordo com o texto, as condições de vida dos retirantes eram desumanas e degradantes. Dentre os muitos trechos, pode-se destacar:

I. “Não tinha sexo, nem idade, nem condição nenhuma. Eram os retirantes. Nada mais.” – em que se sublinha a desconstrução das identidades, através de um procedimento discursivo no qual os retirantes perdem suas particularidades para serem representados exclusivamente como um grupo.

II. “Mais mortos do que vivos. Vivos, vivíssimos só no olhar. Pupilas do sol da seca. Uns olhos espasmódicos de pânico, como se estivessem assombrados de si próprios. Agônica concentração de vitalidade faiscante.” – em que se explicita o horror psicológico vivenciado pelas personagens.

III. “Fariscavam o cheiro enjoativo do melado que lhes exacerbava os estômagos jejunos. E, em vez de comerem, eram comidos pela própria fome numa autofagia erosiva.” – em que se explicita, por meio da personificação da fome, a miséria material.

Questão 3

Os brejeiros, também desfavorecidos socialmente, viam os sertanejos como aqueles que estavam ali temporariamente para disputar o trabalho que realizavam nos engenhos e também os poucos recursos de que dispunham, e por isso tinham mais repulsa e temor do que compaixão em relação a eles.

Questão 4

O trecho que aponta a *remodelação da estrutura econômica agroexportadora* e a *modernização dos engenhos de cana-de-açúcar no Nordeste* é “A seca representava a valorização da safra. Os senhores de engenho, de uma avidez vã, refaziam-se da depreciação dos tempos normais à custa da desgraça periódica.”. Nesse fragmento, a expressão sublinhada traça uma oposição entre o presente do texto e um período anterior, em que a os donos de engenho lucravam menos porque tinham que pagar mais aos empregados, já que não dispunham sempre de um exército de reserva de retirantes famélicos que estavam dispostos a trabalhar por menos ainda.

Questão 5

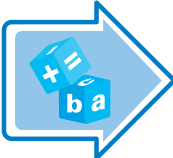
Na comparação entre as obras, pode-se destacar, dentre outros, os seguintes trechos:

- I. “Os fantasmas estropiados como que iam dançando, de tão trôpegos e trêmulos, num passo arrastado de quem leva as pernas, em vez de ser levado por elas.” – que dialoga, diretamente, com as pernas arqueadas dos personagens; em especial, na pintura de Portinari. Essa representação pode sugerir não só a fadiga do êxodo como também o raquitismo, causado por uma deficiência de vitamina D.
- II. “Adelgaçados na magreira cômica, cresciam, como se o vento os levantasse. E os braços afinados desciam-lhes aos joelhos, de mãos abanando.” – característica representada, nas pinturas, pela forma dos personagens: macérrimos, quase esqueléticos.
- III. “Mais mortos do que vivos. Vivos, vivíssimos só no olhar. Pupilas do sol da seca. Uns olhos espasmódicos de pânico, assombrados de si próprios. Agônica concentração de vitalidade faiscante.” – condição representada, nas imagens, não só pela cena que descrevem (pássaros e cruzeiros que apontam a morte), mas também pelas cores em que elas foram construídas: os tons de azul e preto (na pintura) e de marrom (no desenho) podem sugerir tristeza e luto, além de aproximarem os retirantes da própria representação da terra seca e quase sem vida.

Seção 3 – Terceira geração modernista: a linguagem reinventada

Páginas no material do aluno

240 a 245

Tipos de Atividades	Título da Atividade	Material Necessário	Descrição Sucinta	Divisão da Turma	Tempo Estimado
	O teatro popular de Ariano Suassuna	Cópias da atividade.	Análise de um fragmento do texto dramático <i>Auto da Compadecida</i> , de Ariano Suassuna, a fim de observar traços da 3ª geração modernista.	Atividade realizada com toda a turma ou em grupos de aproximadamente 04 alunos.	50 minutos

Aspectos operacionais

Leia o texto com os alunos, proponha as questões e as corrija.

Aspectos pedagógicos

Inicialmente, faça um comentário sobre o teatro de Ariano Suassuna, aprofundando a introdução presente no início da atividade. Para a leitura do texto, seria interessante propor uma leitura dramatizada, dividindo os personagens entre os alunos da turma. Na aplicação das questões de análise, destaque as características do gênero dramático (texto para ser encenado, necessitando de espaço etc.), bem como os traços da 3ª fase do Modernismo presentes na obra.

Atividade

Nesta atividade, você vai ler um texto teatral de Ariano Suassuna, intitulado *Auto da Compadecida*, escrito em 1955 e publicado dois anos depois.

Chamamos de *auto* o teatro medieval de alegorias (pecado, virtude, avareza etc.), cujas personagens são, em geral, santos, demônios e tipos sociais, como padres, ladrões, cavaleiros etc. Dentre os principais características, os autos possuem linguagem simples, intenção moralizante e, geralmente, são cômicos.

Assim, para escrever o seu auto, Suassuna tomou por base folhetos de cordel, reconstruindo a realidade nordestina. Nele, o personagem João Grilo é um herói típico da linhagem picaresca da literatura de cordel, que passa fome e está sempre mentindo para conseguir o que quer – bem como seu amigo Chicó, medroso e mentiroso, que o acompanha em suas travessuras.

O trecho abaixo apresenta algumas peripécias engraçadas de João Grilo, envolvendo o padeiro, o padre, a mulher do padeiro e seu cachorro.

Auto da Compadecida

PALHAÇO, grande voz – Auto da Compadecida! O julgamento de alguns canalhas, entre os quais um sacristão, um padre e um bispo, para exercício da moralidade.

[...]

Ao escrever esta peça, onde combate o mundanismo, praga de sua igreja, o autor quis ser representado por um palhaço, para indicar que sabe, mais do que ninguém, que sua alma é um velho catre, cheio de insensatez e de solércia. Ele não tinha o direito de tocar nesse tema, mas ousou fazê-lo, baseado no espírito popular de sua gente, porque acredita que esse povo sofre, é um povo salvo e tem direito a certas intimidades.

[...]

JOÃO GRILO – Não vai benzer? Por quê? Que é que um cachorro tem de mais?

CHICÓ – Bom, eu digo assim porque sei como esse povo é cheio de coisas, mas não é nada de mais. Eu mesmo já tive um cavalo bento.

JOÃO GRILO – Que é isso, Chico? (Passa o dedo na garganta.) Já estou ficando por aqui com suas histórias. É sempre uma coisa toda esquisita. Quando se pede uma explicação, vem sempre com “não sei, só sei que foi assim”.

[...]

JOÃO GRILO – E você deixe de conversa. Nunca vi homem mais mole do que você, Chicó. O padeiro mandou você arranjar o padre para benzer o cachorro e eu arranjei sem ter sido mandado. Que é que você quer mais?

CHICÓ – Ih, olha como isso está pegado com o patrão! Faz gosto um empregado dessa qualidade.

JOÃO GRILO – Muito pelo contrário, ainda hei de me vingar do que ele e a mulher me fizeram quando estive doente. Três dias passei em cima de uma cama para morrer e nem um copo d’água me mandaram. Mas fiz esse trabalho somente porque se trata de enganar o padre. Não vou com aquela cara.

CHICÓ – Com qual? Com a do padre?

JOÃO GRILO – Com as duas. Estou acertando as contas com o padre e a qualquer hora acerto com o patrão. Eu conheço o ponto fraco do homem, Chicó.

CHICÓ – Qual é? É a besteira?

JOÃO GRILO – Nada disso, se o ponto fraco das pessoas daqui fosse somente a besteira, ninguém estava livre de mim. Você mesmo é um lesão de marca, Chicó. Só não boto você no bolso porque sou seu amigo.

CHICÓ – E qual é o ponto fraco do patrão?

[...]

JOÃO GRILO – Cale a boca, besta. Não diga uma palavra e deixe tudo por minha conta. (Vendo Antônio Morais no limiar, esquerda.) Ora viva, seu major Antônio Morais, como vai Vossa Senhoria? Veio procurar o padre?

(Antônio Moraes, silencioso e terrível, encaminha-se para a igreja mas João toma-lhe a frente.) Se Vossa Senhoria quer, eu vou chamá-lo. (Antônio Moraes afasta João do caminho com a bengala, encaminhando-se de novo para a igreja. João, aflito, dá a volta, tomando-lhe a frente e fala, como último recurso.) É que eu queria avisar para Vossa Senhoria não ficar espantado: o padre está meio doido.

ANTÔNIO MORAIS, parando – Está doido? O padre?

JOÃO GRILO, animando-se – Sim, o padre. Está dum jeito que não respeita mais ninguém e com mania de benzer tudo. Vim dar um recado a ele, mandado por meu patrão, e ele me recebeu muito mal, apesar de meu patrão ser quem é.

ANTÔNIO MORAIS – E quem é seu patrão?

JOÃO GRILO – O padeiro. Pois ele chamou o patrão de cachorro e disse que apesar disso ia benzê-lo.

ANTÔNIO MORAIS – Que loucura é essa?

JOÃO GRILO – Não sei, é a mania dele agora. Benze tudo e chama a gente de cachorro.

ANTÔNIO MORAIS – Isso foi porque era com seu patrão. Comigo é diferente.

JOÃO GRILO – Vossa Senhoria me desculpe, mas eu penso que não.

ANTÔNIO MORAIS – Você pensa que não?

JOÃO GRILO – Penso, sim. E digo isso porque ouvi o padre dizer: “Aquele cachorro, só porque é amigo de Antônio Moraes, pensa que é alguma coisa”.

ANTÔNIO MORAIS – Que história é essa? Você tem certeza?

JOÃO GRILO – Certeza plena. Está doidinho, o pobre do padre.

ANTÔNIO MORAIS – Pois vamos esclarecer a história, porque alguém vai pagar essa brincadeira. Quanto à mania de benzer, não faz mal, ele me será até útil. Meu filho mais moço está doente e vai para o Recife, tratar-se. Tem uma verdadeira mania de igreja e não quer ir sem a bênção do padre. Mas fique certo de uma coisa: hei de esclarecer tudo e se você está com brincadeiras para meu lado, há de se arrepender.

Padre João! Padre João!

(Sai pela direita. No mesmo instante, CHICÓ tenta fugir, mas João agarra-o pelo pescoço.)

JOÃO GRILO – Não, você fica comigo. Vim encomendar a bênção do cachorro por sua causa e você tem de ficar. E mesmo, Chicó, você já está acostumado com essas coisas, já teve até um cavalo bento!

CHICÓ – É, mas acontece que o major Antônio Moraes pode ter alguma coisa de cavalo, de bento é que ele não tem nada.

[...]

(SUASSUNA, Ariano. **Auto da Compadecida**. 35. ed. Rio de Janeiro: AGIR, 2005. p. 21-40.)

Questão 1

Segundo o autor, o “seu teatro é mais aproximado dos espetáculos de circo e da tradição popular do que do teatro moderno.” Você concorda com essa observação do autor após a leitura do fragmento da peça? Justifique a sua resposta.

Questão 2

Releia as falas do Palhaço e destaque os objetivos do auto, explicitados nessa introdução.

Questão 3

Com relação à figura do padre, que críticas podemos inferir?

Questão 4

Que elementos revelam a valorização da cultura popular?

Questão 5

Marque a alternativa que apresenta uma característica que **não** está presente no texto:

- a. A sátira referente ao comportamento moralmente corrompido da sociedade.
- b. O humor usado para tratar de temas como a exploração do povo nordestino.
- c. A maneira livre e aberta de dialogar fatos religiosos de que lança mão.
- d. A crítica à hipocrisia da Igreja como instituição.

Respostas comentadas

Questão 1

Sim. O teatro de Suassuna apresenta muito humor, irreverência e dinamicidade, o que revela a origem popular da peça.

Questão 2

Podemos perceber, na fala do Palhaço, que a proposta da obra é tratar os vícios humanos e o sofrimento do povo nordestino.

Questão 3

A personagem do padre pode representar a hipocrisia dos religiosos que não seguem fielmente os ensinamentos do Cristianismo. No fragmento, faz-se menção ao fato de o sacerdote ter benzido um animal – provavelmente, em troca de dinheiro: “E mesmo, Chicó, você já está acostumado com essas coisas, já teve até um cavalo bento!”

Questão 4

Podemos destacar os seguintes elementos que valorizam a cultura popular: a escolha de um palhaço como apresentador da peça; o nome dos personagens; a linguagem com marcas da oralidade e da normal nordestina; e os causos resgatados das narrativas orais e do folclore popular.

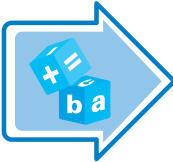
Questão 5

Resposta: Letra D. Isso porque, a crítica é direcionada à hipocrisia de alguns religiosos específicos, enquanto que a Igreja como instituição parece estar relativamente preservada.

Seção 4 – Literatura Contemporânea: cada um por si

Páginas no material do aluno

245 a 249

Tipos de Atividades	Título da Atividade	Material Necessário	Descrição Sucinta	Divisão da Turma	Tempo Estimado
	A estética contemporânea de Dalton Trevisan	Cópias da atividade.	Análise do conto “Dois velhinhos”, de Dalton Trevisan, visando a observar características da prosa contemporânea brasileira.	Atividade individual.	30 minutos

Aspectos operacionais

Aplique as questões de análise e corrija-as junto aos alunos.

Aspectos pedagógicos

Leia o texto com os alunos. Esclareça dúvidas de vocabulário. Encaminhe-os para a realização das atividades, esclarecendo que as produções em prosa no Brasil contemporâneo diferem entre si, mas percebemos em todos os estilos a busca por uma literatura autêntica: Dalton Trevisan, por exemplo, é considerado um dos grandes autores de contos contemporâneos porque, dentre outros aspectos, seu estilo é marcado pela forma reduzida do instante, pela síntese da escrita e pela crítica ao marasmo do cotidiano.

Atividade

A prosa literária brasileira das últimas décadas tem expressado a existência simultânea de vários estilos. Embora diferentes, os autores perseguem a impressão da sua marca própria, o traço que os identifique em seu trabalho, sua marca de autenticidade; ainda assim, é recorrente a abordagem de questões sociais, do aprofundamento de traços psicológicos dos personagens e da mescla de diversos aspectos da realidade humana e da própria cultura nacional.

Buscando identificar a singularidade de um dos autores contemporâneos, leia o conto “Dois velhinhos”, de Dalton Trevisan, e responda às questões que se seguem.

Dois velhinhos

(Dalton Trevisan)

Dois pobres inválidos, bem velhinhos, esquecidos numa cela de asilo.

Ao lado da janela, retorcendo os aleijões e esticando a cabeça, apenas um podia olhar lá fora.

Junto à porta, no fundo da cama, o outro espiava a parede úmida, o crucifixo negro, as moscas no fio de luz. Com inveja, perguntava o que acontecia. Deslumbrado, anunciava o primeiro:

– Um cachorro ergue a perninha no poste.

Mais tarde:

– Uma menina de vestido branco pulando corda.

Ou ainda:

– Agora é um enterro de luxo.

Sem nada ver, o amigo remordia-se no seu canto. O mais velho acabou morrendo, para alegria do segundo, instalado afinal debaixo da janela.

Não dormiu, antegozando a manhã. Bem desconfiava que o outro não revelava tudo.

Cochilou um instante – era dia. Sentou-se na cama, com dores espichou o pescoço: entre os muros em ruína, ali no beco, um monte de lixo.

(**Mistérios de Curitiba**. Editora Record – Rio de Janeiro, 1979, p. 110.)

Questão 1

Nesse conto, o narrador, em poucos parágrafos, nos apresenta o contexto, a cena e os fatos que estruturam a narrativa. Que aspectos linguísticos, constituintes do estilo do autor, permitem essa concisão?

Questão 2

Apesar de conciso, o conto nos revela aspectos fortes da natureza humana que nos impõem reflexões. Retire fragmentos do texto que componham o perfil psicológico dos personagens.

Questão 3

No texto, termos como “pobres inválidos”, “bem velhinhos” e “esquecidos” ampliam a caracterização dos personagens e, ao mesmo tempo, orientam para uma crítica social. Qual seria essa crítica?

Respostas comentadas

Questão 1

O autor explora a escrita concisa, a forma reduzida, objetivando o fragmento, o instante, a cena. Utiliza, para isso, linguagem objetiva e direta, como, por exemplo, na apresentação dos personagens e do cenário: “Dois pobres inválidos, bem velhinhos, esquecidos numa cela de asilo.” Por meio dessa frase nominal, faz-se a exposição, primeiro movimento da estrutura clássica do enredo.

Questão 2

Apesar de conciso, o texto nos permite conhecer aspectos psicológicos dos personagens. O que dormia junto à janela era deslumbrado e sonhador, o outro invejoso. Ambos inválidos e esquecidos. Desse modo, o autor explora a temática da natureza humana, pondo foco em suas fraquezas e frustrações.

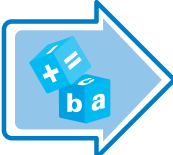
Questão 3

Espera-se que o aluno observe a crítica social subjacente ao texto. Os termos utilizados propõem que o leitor os associe ao contexto contemporâneo e reflita sobre a condição dos idosos no país, acatada veladamente pela própria sociedade doente e incapaz de lidar com seus problemas. O conto retrata uma realidade dolorosa em que pessoas, quando chegam à velhice, são abandonadas em asilos úmidos e insalubres.

Seção 4 – Literatura Contemporânea: cada um por si

Páginas no material do aluno

245 a 249

Tipos de Atividades	Título da Atividade	Material Necessário	Descrição Sucinta	Divisão da Turma	Tempo Estimado
	Lendo um conto contemporâneo	Cópias da atividade.	Análise do conto “O ciclista”, de Dalton Trevisan, a fim de reconhecer características do estilo do autor e, metonimicamente, da prosa contemporânea.	Atividade individual.	50 minutos

Aspectos operacionais

Leia o texto, aplique as questões de análise e corrija-as junto aos alunos.

Aspectos pedagógicos

Inicialmente, dialogue com os alunos sobre a realidade apresentada no conto e na pintura. Solicite que respondam às questões, destacando a temática comum às obras e as características da literatura e da arte contemporânea.

Atividade

O conto contemporâneo tem um papel relevante em nossa produção literária. Muitos de nossos mais importantes escritores trabalharam, e outros contemporâneos ainda trabalham, com esse gênero. A infinidade de temas tratados, a brevidade e a concisão da história fazem do conto um desafio de escrita.

Dalton Trevisan é considerado um dos grandes contistas de nossa literatura, apresentando uma extrema capacidade de síntese ao produzir os seus textos. No conto “O ciclista”, iremos observar a exploração de um acontecimento do nosso cotidiano, muito pertinente à realidade da vida nas grandes cidades – as peripécias de um ciclista em meio ao caos do trânsito urbano.

O ciclista

Curvado no guidão lá vai ele numa chispa. Na esquina dá com o sinal vermelho e não se perturba – levanta voo bem na cara do guarda crucificado. No labirinto urbano persegue a morte com o trim-trim da campainha: entrega sem derreter sorvete a domicílio.

É sua lâmpada de Aladino a bicicleta e, ao a sentar-se no selim, liberta o gênio acorrentado ao pedal. Indefeso homem, frágil máquina, arremete impávido colosso, desvia de fininho o poste e o caminhão; o ciclista por muito favor derrubou o boné.

Atropela gentilmente e, vespa furiosa que morde, ei-lo defunto ao perder o ferrão. Guerreiros inimigos trituram com chio de pneus o seu diáfano esqueleto. Se não estrebucha ali mesmo, bate o pó da roupa e – uma perna mais curta – foge por entre as nuvens, a bicicleta no ombro.

Opõe o peito magro ao para-choque do ônibus. Salta a poça d'água no asfalto. Num só corpo, touro e toureiro, golpeia ferido o ar nos cornos do guidão.

Ao fim do dia, José guarda no canto da casa o pássaro de viagem. Enfrenta o sono trim-trim a pé e, na primeira esquina, avança pelo céu na contramão, trim-trim.

(TREVISAN, Dalton. In: BOSI, Alfredo Org. **O conto brasileiro contemporâneo**. 14. ed. São Paulo: Cultrix, 1997. p. 189.)

Vocabulário

Diáfano	Transparente.
Impávido colosso	Referência a uma passagem do Hino Nacional (impávido – que não tem medo; e colosso – estátua de grandeza extraordinária).

Questão 1

Após a leitura do conto “O ciclista”, você acha que o personagem mostra ter um controle firme e decisivo sobre a bicicleta? Justifique sua resposta.

Questão 2

A linguagem do conto está carregada de imagens e metáforas. Leia as expressões destacadas abaixo e tente explicá-las:

- “lâmpada de Aladino”;
- “guerreiros inimigos”;

- c. “touro e toureiro, golpeia ferido o ar nos cornos do guidão”;
- d. “pássaro de viagem”.

Questão 3

Interprete o último parágrafo do texto.

Questão 4

Caracterize o tema, a linguagem e a construção do conto.

Respostas comentadas

Questão 1

Sim. Trata-se de uma habilidade adquirida devido ao seu tipo de trabalho: entregador de sorvetes.

Questão 2

- a. A bicicleta é vista como um transporte mágico (= lâmpada maravilhosa de Aladim), cujo personagem apresenta uma sensação de liberdade ao sentar-se no selim (“liberta o gênio acorrentado”).
- b. Trata-se dos veículos urbanos (ônibus, caminhões, automóveis), que o ciclista tem que enfrentar no decorrer do dia ao realizar a sua tarefa em cima de uma bicicleta.
- c. Estabelece-se uma comparação na relação entre o ciclista (o toureiro) e o guidão da bicicleta (o touro), ou seja, entre o toureiro e os chifres do touro, agarrados pelo toureiro.
- d. A bicicleta é o “pássaro de viagem” do ciclista, pois é, por meio dela, que o personagem “levanta voo” no caótico trânsito.

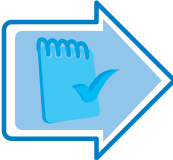
Questão 3

O parágrafo, em linguagem essencialmente conotativa, sugere que, ao fim do dia, o ciclista, cansado e já sonolento, continua ouvindo a campainha de sua bicicleta. Mas, ao se sentir relaxado – “avança pelo céu na contramão” -, deixa transparecer um estado de leveza.

Questão 4

O conto aborda uma situação cotidiana do espaço urbano. Sua linguagem mescla expressões de sentido figurado e denotativo. Sua construção é sintética.

Atividade de Avaliação

Tipos de Atividades	Título da Atividade	Material Necessário	Descrição Sucinta	Divisão da Turma	Tempo Estimado
	Prosa no ENEM: do regionalismo em diante	Cópias da atividade.	Aplicação de questões do Enem e de vestibular que tratam da prosa modernista e contemporânea.	Atividade individual.	30 minutos

Aspectos operacionais

Aplique as questões de múltipla escolha e corrija-as.

Aspectos pedagógicos

O professor poderá avaliar os alunos de forma bem objetiva e ágil, utilizando as questões propostas, conforme serão apresentadas.

Atividade

Para testar seus conhecimentos sobre a prosa modernista e contemporânea, responda às cinco questões que se seguem.

Leia o texto abaixo e responda às questões de 1 e 2¹.

1 UEL-2007. Disponível em: <http://literauffs.blogspot.com.br/p/questoes-comentadas.html>

João Grilo: Ah isso é comigo. Vou fazer um chamado especial, em verso. Garanto que ela vem, querem ver? (Recitando.)

Valha-me Nossa Senhora, Mãe de Deus de Nazaré!

A vaca mansa dá leite, a braba dá quando quer.

A mansa dá sossegada, a braba levanta o pé.

Já fui barco, fui navio, mas hoje sou escaler.

Já fui menino, fui homem, só me falta ser mulher.

Encourado: Vá vendo a falta de respeito, viu?

João Grilo: Falta de respeito nada, rapaz! Isso é o versinho de Canário Pardo que minha mãe cantava para eu dormir. Isso tem nada de falta de respeito!

Já fui barco, fui navio, mas hoje sou escaler.

Já fui menino, fui homem, só me falta ser mulher.

Valha-me Nossa Senhora, Mãe de Deus de Nazaré.

Cena igual à da aparição de Nosso Senhor, e Nossa Senhora, A Compadecida, entra.

Encourado, com raiva surda: Lá vem a compadecida! Mulher em tudo se mete!

João Grilo: Falta de respeito foi isso agora, viu? A senhora se zangou com o verso que eu recitei?

A Compadecida: Não, João, porque eu iria me zangar? Aquele é o versinho que Canário Pardo escreveu para mim e que eu agradeço. Não deixa de ser uma oração, uma invocação. Tem umas graças, mas isso até a torna alegre e foi coisa de que eu sempre gostei. Quem gosta de tristeza é o diabo.

João Grilo: É porque esse camarada aí, tudo o que se diz ele enrasca a gente, dizendo que é falta de respeito.

A Compadecida: É máscara dele, João. Como todo fariseu, o diabo é muito apegado às formas exteriores. É um fariseu consumado.

Encourado: Protesto.

Manuel: Eu já sei que você protesta, mas não tenho o que fazer, meu velho. Discordar de minha mãe é que eu não vou.

(...)

Fonte: Auto da Compadecida. 15 ed. Rio de Janeiro: Agir, 1979.

Questão 1

A obra "Auto da Compadecida" foi escrita para o teatro:

- a. Por João Cabral de Mello Neto e aborda temas recorrentes do Nordeste brasileiro.
- b. E seu autor, Ariano Suassuna, aborda o tema da seca que sempre marcou o Nordeste.
- c. Pelos autores do ciclo armorial, abordando temas religiosos e costumes populares.
- d. Por Ariano Suassuna, tendo como base romances e histórias populares do Nordeste brasileiro.

Por João Cabral de Mello Neto e aborda temas religiosos divulgados pela literatura de cordel.

Questão 2

Ao humanizar personagens como Manuel e a Compadecida, o autor pretende:

- a. Denunciar o lado negativo do clero, na religião católica.
- b. Exaltar o sentimento da justiça divina ao contemplar os simples de coração.
- c. Mostrar um sentimento religioso simples e humanizado, mais próximo do povo.
- d. Retratar o sentimento religioso do povo nordestino, numa visão iconoclasta.
- e. Fazer caricatura com as figuras de Cristo e de Nossa Senhora.

Sobre a obra "A bagaceira", de José Américo de Almeida, responda às questões 3 e 4².

Questão 3

Podemos dizer que a temática central da obra é:

- a. o amor entre Lúcio e Soledade.
- b. a relação familiar entre Lúcio e Dagoberto.
- c. a seca e as suas consequências.
- d. a tensão entre capitalismo x socialismo.

Questão 4

As personagens centrais da obra são:

- a. Lúcio, Dagoberto e Soledade.

2 Disponível em: http://www.lucianofejao.com.br/clf/uva20131/Portugues_CG.pdf

- b. Lúcio, Pirunga e Soledade.
- c. Soledade, Valentim e Pirunga.
- d. Dagoberto, Soledade e Pirunga.

Leia o texto abaixo, para responder à questão 5³:

Múltiplo sorriso

Pendurou a última bola na árvore de Natal e deu alguns passos atrás. Estava bonita. Era um pinheiro artificial, mas parecia de verdade. Só bolas vermelhas. Nunca deixava de armar sua árvore, embora as amigas dissessem que era bobagem fazer isso quando se mora sozinha. Olhou com mais vagar. Na luz do fim da tarde, notou que sua imagem se espelhava nas bolas. Em todas elas, lá estava seu rosto, um pouco distorcido, é verdade – mas sorrindo. “Estão vendo?”, diria às amigas, se estivessem por perto. “Eu não estou só.”

HELOÍSA SEIXAS
Contos mais que mínimos. Rio de Janeiro: Tinta Negra, 2010.

Questão 5

Há um contraste irônico entre o título do conto e o seu desenvolvimento. As ideias essenciais desse contraste são:

As ideias essenciais desse contraste são:

- e. alegria – isolamento
- a. admiração – distorção
- b. ornamentação – inutilidade
- c. multiplicidade – contemplação

Respostas comentadas

Questão 1

Resposta: Letra D. Isso porque, Suassuna pertence ao ciclo armorial (iniciativa artística que objetivava criar uma arte erudita a partir de elementos da cultura popular do Nordeste Brasileiro), com uma junção de história e versos populares.

A letra (A) está incorreta porque João Cabral foi o autor de “Morte e Vida Severina”. A letra (B) está incorreta:

3 Disponível em: http://www.revista.vestibular.uerj.br/questao/questaoobjetiva.php?seq_questao=621

Ariano Suassuna foi o autor, mas não trata da seca. A letra (C) está incorreta, pois a peça foi escrita apenas por Ariano Suassuna, que foi um dos fundadores do ciclo armorial. A letra (E) está incorreta, uma vez que o texto não é de João Cabral e não são abordados temas religiosos divulgados pela literatura de cordel.

Questão 2

Resposta: Letra C. A proximidade entre o humano e o sagrado é refletida, dentre outros aspectos, na forma como dialogam, quase que de igual para igual.

A letra (A) está incorreta, pois o lado negativo do clero aparece na figura do padre e de seu superior, porém os personagens Manuel e a Compadecida são vistos positivamente. A letra (B) está incorreta, visto que não se contemplam apenas os simples de coração, mas também todos os que passaram por problemas como a miséria. A letra (D) está incorreta, porque, em nenhum momento, aparece a visão iconoclasta. A letra (E) está incorreta, por não se tratar de personagens caricaturais.

Questão 3

Resposta: Letra C. “A bagaceira”, publicada em 1928, é obra introdutora do romance regionalista no país. O enredo do romance trata das questões do êxodo, dos horrores gerados pela seca, além da visão brutal e autoritária do senhor do engenho. A temática central da obra é, pois, a seca e suas consequências. As letras (A), (B), (D) e (E) estão incorretas.

Questão 4

Resposta: Letra A. Os personagens centrais da obra são:

- Lúcio – humano, idealista, sonhador, apaixonado por Soledade. Ele é filho do dono do engenho. Estuda Direito e sonha, um dia, reformar o engenho, principalmente, dar direitos aos trabalhadores;
- Dagoberto – proprietário do engenho Marzagão, simboliza a prepotência, contrapondo-se à fraqueza dos trabalhadores da bagaceira. É o antagonista dos trabalhadores e de Lúcio em relação ao amor de Soledade;

Soledade – filha de Valentim Pereira, representa a beleza agreste do sertão. É uma jovem impetuosa que deseja ficar com Lúcio, mas ele não compreende os apelos do corpo que dominam Soledade. Vai ser o motivo de briga entre Dagoberto e Lúcio.

Questão 5

Resposta: Letra A. O título do conto sugere imediatamente alegria, em função do “múltiplo sorriso”. Entretanto, como o sorriso é, na verdade, um só, o da personagem, que se apresenta refletido nas várias bolas vermelhas da árvore de Natal, configura-se o contraste irônico que opõe aquela mencionada e pretensa alegria ao concreto isolamento da pessoa numa festa sem a presença de quaisquer convidados.

